

mento pelos bens recebidos. Assim, ele se dirige, humilde, a Maria Imaculada, pondo-lhe aos pés sua *gratidão*, pela graça de socorrê-lo na treva, e *louvando-a*, por lhe ter convertido a alma, agora iluminada. Desta maneira, o poeta nos apresenta a prece como *dever* da criatura, que espera dos Espíritos superiores o auxílio nas situações aflitivas em que se encontre; e esse precioso auxílio lhe vem nas horas de cegueira d'alma ou nos momentos de perturbação e desatino do Espírito.

O soneto acima parece ser consequência deste outro, que o poeta compôs na Terra e em que invoca o amparo da mesma "Virgem das Virgens":

*Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartáreo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:*

*Doce abrigo, santíssima guarida
De quem te busca em lágrimas banhado,
Corrente com que as nódoas do pecado
Lava uma alma, que geme arrependida:*

*Virgem, de estrelas nítidas c'roada,
Do Espírito, do Pai, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:*

*Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, aranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!*

Eis, pois, outra faceta da prece: a *súplica* de amparo, nunca negado a quem pede com sinceridade e condição: "*Cor contractum et humiliatum Deus non despiciet*".

Soneto VI

30-11-1946

*Quem no Gozo consome a luz divina,
Audaz queimando a lúcida candeia,
Do Capitólio vai para a Tarpeia,
Na cova onde a aflição ruge e domina.*

*Desventurado intento, dura sina,
Do gozador que, misero, tateia,
Rogando claridade à casa alheia,
Ao resplendor solar que ele abomina.*

*Desgraçado o destino que se entrega
À prepotência vil, à guerra acesa
Dos instintos da carne escura e cega!*

*O' Céus! que atroz suplício, que tristeza
No mendigo da luz, que a luz renega
Às trevas abismais da Natureza!*

Ensina que, pelo cultivo do gozo físico e de outras modalidades de sensações materiais, o homem extingue em si mesmo a luz divina da espiritualidade; a criatura

se torna cega para os atributos da alma, para as atividades do Espírito: faz-se materialista. Põe-se a mendigar fora de si a luz que, por sua própria vontade, lançara à voragem da animalidade, da natureza inferior. Sem a luz, que "ele abomina" e que, no entanto, procura, estando nela imerso, o homem nada vê e em nada acredita. O poeta nos diz, portanto, que cada um de nós possui uma centelha divina, que cumpre cultivar, e não extinguir, para que, com essa luz própria, possa cada um guiar-se, afastando-se do local de onde se lançaria ao abismo dos condenados; nesse báratro, impossível lhe é receber um raio de luz, uma vez que não se encontra em condições de ser esclarecido. Nova advertência, pois, contra a desmedida obediência aos imperativos da matéria, ampliando a contida no Soneto III.

— / / / —

Soneto VII

1-12-1946

*Doce a contemplação do empório santo;
Favôniós matinais soprando avenas;
Há dilúvios de rosas e verbenas
De resplendente luz, no ebúrneo manto.*

*Terna revelação, sublime encanto!
Longe da sombra de mundanas penas,
Cantam vozes de díltidas Camenas,
Liras de Orfeu, em plácido quebranto.*

*Tudo sonhos e amores inocentes;
Nada recorda as cóleras da guerra
Que extermina os humanos descendentes!*

*No sublime concerto tudo encerra
O júbilo dos bons, a paz dos crentes
Que venceram nas lágrimas da Terra.*

Se a revolta contra as leis divinas, o cultivo do orgulho, da vaidade, das vis paixões, da ausência de fé, a repulsa voluntária da luz interna, que deveria aclarar-nos